

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CARVALHO, Hécio de. **Experiências próximas à morte**. Disponível em: <http://www.ippb.org.br/modules.php?op=modload&name=News&file=article&sid=2646>. Acesso em: 05 jun. 2006.

DE LUCCA, José Carlos. **Sem medo de ser feliz**. São Paulo, Petit, 1999

HEIDEGGER, Martin. **Ser e tempo II**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1993.

PLATÃO. **A República**. Bauru, SP: EDIPRO, 2001.

SCHELER, Max. **Morte e sobrevivência**. Lisboa: Ed. 70, 1993

SCHOPENHAUER, Arthur. **Metafísica do amor e metafísica da morte**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

Revisado por

insensatez, e não tem outra explicação se não a circunstância de que todo o nosso ser é uma vontade de viver.

No entanto para Heidegger (2001), esta estrutura da morte, propriamente considerada, precisa ser consumada pelas aberturas ontológico-existênciais da presença. Apenas a de-cisão, o ato de romper e assumir novos rumos do projeto que é a presença, e, por isso, carece do testemunho, da confirmação do existir, que é a morte. Ela é um fenômeno do existir, que é a morte. Ela é um fenômeno temporal, é uma experiência que pode ser antecipado, mas que é sempre uma emergência contingente, imprevisível, mas sempre esperada. “A morte é a possibilidade de existência mais extrema.” (HEIDEGGER, 2001, p. 58).

A morte é ordem e é sentido. Ela é um fenômeno permanente na existência. Todavia, é um fenômeno incontrolável. Daí resulta o desespero do homem moderno, que tudo quer manipular, e à morte ele não consegue. Ele tem domínio sobre ela.

Schopenhauer (2000), admite que se o terror da morte se deve à idéia que temos do não-ser, igual terror nos deveria dominar ao pensarmos na época em que ainda não existíamos, pois não há dúvida de que o “não-ser” que segue à morte não pode ser diferente do “não-ser” que precede a vida e, portanto, não pode ser mais temível. Enquanto não existíamos, a eternidade seguia seu curso. Isto, porém, não nos assusta. A ilusão que abrigamos acerca da imortalidade da alma une-se sempre a de um mundo melhor, o que demonstra claramente que o nosso aqui não vale grande coisa.

Na filosofia existencial de Heidegger, a morte é o sinal da finitude e da individualidade humana que o homem precisa assumir para escapar da alienação de si e da banalidade do cotidiano: “A morte se desvela com a possibilidade absolutamente própria, e incondicional e intransponível.” (HEIDEGGER, 2001, p. 9).

Para ele o homem é basicamente um ser-para-a-morte: a morte é a destinação do homem, que, ao se cumprir, limita e define sua existência. “A morte pode ser vista como um mistério incompreensível, ou como um absurdo inaceitável.” (HEIDEGGER, 2001, p. 9).

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A morte para Heidegger (2001), propriamente assumida, é a possibilidade segura e certa. O pro-jeto da pré-sença é um dirigir-se para a morte. Entretanto, é indeterminada, por isso é uma ameaça, e angústia.

Schopenhauer (2000), ridiculariza aquele que teme a morte. Ele recusa a encará-la como aniquilação absoluta. A morte para o indivíduo é como o sono para a espécie. A morte ou a vida de um ser singular não importa em nada.

Porque tamanha dificuldade em aceitar o fim? Para Heidegger (2001), a consciência resoluta é aquela que, diante da grandeza da finalidade, compreende que sua razão de existir, está fadada ao nada. As pessoas se assustam, se recusam, com a violência, a aceitar. Qual o objetivo de nascermos, de termos razão, de construir, de lutar... para depois acabar? A filosofia de Schopenhauer é confortável neste sentido. Afinal, não se deve a razão preocupar com um tempo tão miserável pequeno, o universo já havia antes de mim e continuará havendo depois.

A análise da diferença ontológica como conceito germinal da metafísica de Heidegger, já está implícita em Ser e Tempo, como uma tarefa do Dasein enquanto ser-para-a-morte, ali onde o clamor da consciência eclode em sua entranheza no seio do cotidiano e impessoal, por conta do nada admitido na antecipação da morte. Com esta eclosão da diferença, é a própria reflexão da metafísica tradicional que será abatida, pois se trata de uma diferença da finitude, onde a morte impõe o nada como constitutivo do próprio ente que levanta a questão do ser, o Dasein.

Heidegger (2001), faz da morte uma força desconstrutiva da metafísica, porque em sua antecipação a totalidade da existência singulariza sua impossibilidade e, com isso, a metafísica da falsa esperança deixa cair sua prepotência diante do nada, no qual o Dasein está suspenso.

Para Schopenhauer (2000), parece ridículo que a gente se preocupe com um espaço de tempo tão curto. Temer tanto, quando nossa vida ou a de outra pessoa se encontre em perigo, ou situar na tragédia o terror dramático causado pela morte, é um fato banal. O excessivo apego à vida é uma cegueira e uma

mesmo. Com a morte rompe quaisquer vínculos, tornando a vontade de novo livre: pois a liberdade reside no ser e não no agir. A paz e a calma na face da maior parte dos mortos parece originar-se daí.

curso natural das coisas, do seu condutor e guardião, se o qual ela se sabe sem ajuda e cega.

O terror da morte depende, em grande parte, da falsa aparência de que, neste instante, o Eu desaparece e o mundo permanece. Mas na verdade, o fato é que o mundo é quem desaparece, o Eu é o sustentáculo e produtor de cada indivíduo este sim permanece.

Schopenhauer esclarece:

Se, por conseguinte, a realidade verdadeira não residisse na Vontade, e a existência moral não fosse aquilo que se estendesse além da morte, então, assim como o intelecto e com ele seu mundo se extingue, a essência das coisas em geral não seria nada senão uma seqüência sem fim de sonhos breves e sombrios, sem concatenação alguma. (SCHOPENHAUER, 2000, p. 126)

A morte é o perder de uma individualidade e o obter de uma outra, por conseguinte uma mudança de individualidade sob a condução exclusiva de sua própria vontade.

O número de nascimento, que vai sempre de par com a mortalidade, tem uma influência das mais decisivas sobre a duração de vida e a mortalidade numa dada população, de modo que os casos de morte e nascimentos em todos os lugares aumentam e diminuem na mesma proporção.

Cada novo ser nascido entra em cena fresco e límpido na nova existência e a frui como um presente, embora não haja e não possa haver nisto nada de dado. Sua fresca existência é paga com a velhice e a morte de um defunto que sucumbiu, mas que continha o germe indestrutível, do qual nasceu esse novo ser: ambos são um único ser. Demonstrar a ponte entre os dois seria com certeza a solução de um grande enigma. (SCHOPENHAUER, 2000, p. 131 -132)

A morte é a grande correção que a vontade de vida, e o egoísmo essencial a ela, recebem do curso da natureza e que pode ser concebida como uma punição para nossa existência. É o desatar doloroso do nó, que a procriação amarrou com volúpia e é a destruição violenta, proveniente de fora, do erro fundamental de nosso ser. No fundo somos algo que não devia ser e, por isso, deixamos de ser.

Com a morte surge a grande oportunidade de não ser mais Eu. Enquanto o Eu traz em sua memória muita coisa que fez, ao qual não está contente consigo

ser-em-si permanece inatacável pelo fim, a qual não se aplicam as noções de começo, fim e duração.

Com a morte perde-se a consciência, mas não aquilo que a produziu e a manteve. Em vida se faz a história e com a morte fica a história, diz o autor: "Por isso, um sentimento seguro diz a todo homem que há nele algo absolutamente imperecível e indestrutível". (SCHOPENHAUER, 2000, p.118)

Schopenhauer (2000) acredita, que o princípio das coisas deveria estar exclusivamente na vontade do homem, e não no intelecto. Pois o intelecto é um fenômeno de menor importância movido pelo cérebro, enquanto que a vontade é livre, portanto, ela é indestrutível. Com a morte perde-se a consciência, mas não aquilo que a produziu e a manteve.

O indivíduo tem um grande apego à vida, originando o temor à morte que tem sua raiz na vontade que é desprovida de conhecimento, com isso vontade de vida cega. "Se o homem fosse, ao contrário, um mero ser que conhece, então a morte teria de ser para ele não apenas indiferente, mas até mesmo bem-vinda". (SCHOPENHAUER, 2000, p. 122)

Neste caso pode-se perceber que, o que é atingido pela morte é apenas a consciência que conhece, enquanto que a vontade é a coisa-em-si e se encontra no fundamento de todo fenômeno individual, está livre de todas as determinações temporais e, portanto, é também imperecível.

O fato das pessoas acreditarem que possa existir uma recompensa na eternidade, se dá na questão de que a vontade e não o intelecto seja o indestrutível. Para elucidar esta consideração o autor afirma:

A vontade, que constitui o nosso ser-em-si, é de natureza simples: ela quer simplesmente e não conhece. O sujeito do conhecimento, ao contrário, é um fenômeno secundário, proveniente da objetivação da vontade: ele é o ponto unificador da sensibilidade do sistema nervoso, como que o foco para o qual convergem os raios da atividade de todas as partes do cérebro. Com este, ele tem de sucumbir. (SCHOPENHAUER, 2000, p. 123)

A consciência é a vida do sujeito do conhecimento, ou do cérebro, e a morte é o seu fim. O temor da morte pode depender em parte do fato de que a vontade individual se separa a contragosto do seu intelecto, que lhe coube pelo

De um modo ou de outro, a morte é companheira de qualquer ser vital. Tudo dura só um momento e corre para a morte. A planta e o inseto morrem no fim do verão e com o homem não poderia ser diferente. O seu agir, laborear e sofrer são sempre os mesmos, a história se faz diferente, mas o ciclo não muda. Por isso todos ou cada um que quer existir continuamente e sem fim. Por isso se pode exclamar: "apesar do tempo, da morte e da decomposição, estamos todos reunidos!".

Assim como o sono para o indivíduo é a morte para a espécie humana. Schopenhauer valoriza a morte e a tem como a musa inspiradora da filosofia: "A morte é o gênio inspirador, a musa da Filosofia... Sem ela ter-se-ia dificilmente filosofado". (2000, p. 99).

O indivíduo morre, mas, não a espécie, pois essa perpetua; assim, o que a faz perpetuar eternamente é a Vontade que também é eterna.

Quem ao contrário se torna como vindo do nada, tem de também pensar que, de novo, retornará ao nada. Para quem, entretanto, considera o nascimento do homem como o seu começo absoluto, a morte tem de ser o fim absoluto.

A hipótese de que o homem seja criado a partir do nada conduz necessariamente que a morte é seu fim absoluto.

O ser humano querer ser imortal significa propriamente querer perpetuar um erro ao infinito. Cita Schopenhauer (2000, p. 110): "No fundo, cada individualidade é apenas um erro especial, um passo em falso, algo que seria melhor não ser, sim, algo do qual nos trazer de volta é de facto a meta de toda vida".

O homem nunca alcançará a felicidade plena, não importando em qual mundo esteja. Para um estado de felicidade do homem não seria de modo algum suficiente que se o transportasse para um mundo melhor, mas também ainda seria exigido que nele próprio se desse uma alteração fundamental, logo que ele não mais fosse o que é, mas ao contrário se tornasse o que não é.

Para o fenômeno morte, o ser precisa deixar de ser o que é, pois parte de um princípio moral.

O fim da pessoa é tão real quanto era o seu começo, e no mesmo sentido em que não éramos antes do nascimento, não seremos depois da morte. Para o

Não é fácil escrever a história da eutanásia, porque é uma prática clandestina, uma vez que, tradicionalmente, é proibida. Todas as culturas tiveram procedimentos para pôr fim à vida de pessoas que estão sofrendo muito e que não podem ser ajudadas de outra maneira. Os antropólogos relatam outros procedimentos em outras culturas. E na cultura ocidental, é célebre uma passagem de A República de Platão (2001), na qual ele diz que uma das funções do médico é ajudar a morrer quem sofre de doença incurável, mediante a utilização de remédios. Em qualquer caso, o modo mais clássico de lidar com essas situações não é o de atuar diretamente no corpo da pessoa para pôr fim à sua vida, mas deixá-la morrer sem fazer nada, ou fazendo muito pouco. Essa era a teoria e a prática do "despejo", que foi clássica em toda a cultura ocidental. Isso explica que a palavra "eutanásia", termo grego que se cunhou na época do helenismo, não significasse o mesmo que hoje. Primitivamente queria dizer, simplesmente, boa morte, morte rápida e sem sofrimento, mas sem agir diretamente no corpo da pessoa com a intenção de tirar-lhe a vida. O sentido atual, que é o de atuar no corpo do indivíduo com a intenção direta de pôr fim à sua vida, não aparece até a segunda metade do século XIX, em 1869. Isso se deve porque uma das conseqüências da cultura liberal moderna, que considera que os atos morais precisam ser autônomos e que, portanto, o ser humano deve ter o direito e o dever de gerir sua vida e sua morte. E fará isso, conseqüentemente, de acordo com seus valores e crenças. Alguns considerarão que suas crenças o impedem de pôr fim à sua vida, mesmo que ele esteja muito debilitado e já próximo da morte. Outros, todavia, não pensam assim e consideram que, como seres autônomos, têm o dever moral não só de gerir dignamente sua vida, mas também sua morte.

Na velhice, pouco a pouco, vão se perdendo as emoções, os afetos vão se desestimulando. O que fazer nesse estágio da vida a não ser esperar pela morte? O autor compara a morte nesta fase como semelhante despertar de um grave pesadelo:

Qualquer um que deparou com obstáculos intransponíveis para sua existência, ou para suas aspirações, que sofra doenças incuráveis, ou desgostos inconsoláveis, tem como último refúgio, que muitas vezes se oferece por si mesmo, o retorno ao ventre da natureza. (SCHOPENHAUER, 2000, p. 71)

É o que relata o Dr. Raymond Moody Jr. (apud CARVALHO, 2006) - com sua preocupação em desvendar o que existe depois da morte, envolvendo pessoas consideradas clinicamente mortas.

O médico e pesquisador identificou quinze elementos presentes em quase todos os relatos, mas ressaltou que, apesar da semelhança, não existem dois exatamente iguais. Da mesma forma, ninguém chegou a vivenciar todos os quinze, algumas pessoas identificaram no máximo doze e a ordem em que surgiram nem sempre foi a mesma.

Os quinze elementos ou estágios que o Dr. Moody Jr. (apud CARVALHO, 2006) encontrou e que são apresentados em seu livro "Vida depois da Vida são: Inefabilidade, ouvir a notícia, sentimentos de paz e quietude, ruído, o túnel escuro, fora do corpo, encontrando outras pessoas, o ser de luz, recapitulação, barreira ou limite, regresso, contar ao outros, efeito sobre a vida, nova visão da morte, corroboração.

Schopenhauer defende que a morte violenta não pode ser dolorosa, ou seja, alguém gravemente ferido terá sua consciência desaparecida antes mesmo de ser notada. Ele também esclarece:

Também todos os que perderam a consciência na água, ou por vapores de carvão, ou por enforcamento, declaram, como é sabido, que isso aconteceu sem tormento. E por fim até a própria morte conforme a natureza, por velhice, a eutanásia, é um gradual desaparecer e perder-se da existência, de maneira inobservável. (SCHOPENHAUER, 2000, p. 69)

O envelhecimento trás consigo a perspectiva da morte. Quando existe uma doença grave ou outra condição de saúde, incluindo-se aspectos físicos, mentais e sociais, que gera sofrimento, a morte passa a ser não só uma probabilidade, mas também uma alternativa.

Em muitas reflexões sobre a morte o tema da eutanásia e do suicídio assistido estão presentes. A eutanásia em velhos assume uma importância muito grande, principalmente no que se refere às questões de respeito à autonomia. O importante é caracterizar que esta decisão é plenamente consciente, que ela não está sendo tomada devido a um estado depressivo. Na legislação australiana sobre eutanásia, que foi revogada, havia a exigência de uma avaliação psiquiátrica para afastar esta possibilidade.

mas o espírito continua a sua jornada evolutiva em outros planos da vida. (DE LUCCA, 1999, p. 31)

Mas a nossa realidade é totalmente empírica, ao alcance de nossa mão, e acreditar que eu fora, pode-se consolar sobre o tempo infinito após a minha morte, quando não serei, com o tempo infinito, quando não fui.

No que tange o assunto o autor afirma:

Do que já foi dito, entretanto, resulta que é tão absurdo afligir-se sobre o tempo em que ainda não éramos; pois é indiferente se o tempo, não preenchido pela nossa existência, relaciona-se como futuro ou passado àquele que ela preenche. (SCHOPENHAUER, 2000, p. 67)

Para Epicuro, é um absurdo considerar o não-ser como um mal, pois cada mal, como cada bem, tem a existência por pressuposto, e a partir desse ponto de vista Epicuro considerou a morte, dizendo portanto com inteiro acerto: "A morte não nos concerne, elucidando que, quando somos, a morte não é, e, quando a morte é, não somos." (Diógenes Laércio, X apud SCHOPENHAUER, 2000, p. 68)

Todo indivíduo é extremamente obcecado pela vontade de vida, o que torna a morte tão temível para nós não é tanto o fim da vida e sim a destruição do organismo. Para o sujeito, a morte mesma, consiste apenas no momento em que a consciência desaparece, na medida em que cessa a atividade do cérebro. A morte, em termos subjetivos, concerne portanto apenas à consciência. Para que esse fato seja esclarecido somente uma pessoa que passou por um verdadeiro desmaio, ou sofreu uma experiência de quase morte, mais conhecida pela medicina como (E Q M).

Uma experiência de sair do corpo por uma pessoa que quase morre. A experiência é geralmente descrita como envolvendo uma sensação de extrema paz, um som semelhante a uma campainha ou um zumbido, uma passagem nas trevas, e a seguir uma passagem para a luz. Contudo, a pouca investigação neste campo, indica que estas sensações se obtêm em situações que afetam o estado do cérebro, como paragens cardíacas e anestésias. As condições que levam ao estado de Quase-Morte parecem afetar significativamente a natureza da experiência.

O ser humano em geral é extremamente apegado aos bens materiais, fazendo com que receba a morte num total desespero.

O autor questiona:

Como o amor sem limite à vida e o esforço para de toda maneira conservá-la o mais longamente possível poderiam ser considerados mesquinhos, desprezíveis e do mesmo jeito indignos dos seguidores de cada religião, se a mesma vida fosse um presente de deuses benevolentes? E como poderia, pois, o desprezo à vida aparecer grande e nobre? (SCHOPENHAUER, 2000, p. 64 - 65)

De acordo com estes questionamentos pode-se observar que, a vida é a essência mais íntima do homem.

A morte não deveria ser tão assustadora, no que se refere ao não-ser, pois, ao contrário, deveríamos temer o que nos antecede ao nascimento, e portanto também não é lastimável.

Um tempo infinito fluiu antes do meu nascimento, o que eu era durante todo esse tempo? O autor ressalta que em termos metafísicos talvez se pudesse responder: “Eu fui sempre eu: em verdade todos aqueles que durante aquele tempo diziam eu, eram eu mesmo”. (SCHOPENHAUER, 2000, p.66)

Esta forma de pensamento vai ao encontro com a doutrina Espírita, que acredita haver um mundo após a morte, ao qual, todos nós já estivemos por várias eternidades. Eles afirmam que somos seres imperfeitos, e que ao atravessarmos para o outro plano, que seria o mundo dos espíritos, iremos em busca de um aprendizado, onde nos libertaremos das amarras que nos prende ao mundo material. Eles afirmam também que esse mundo ao qual vivemos, é de “provas e expiações”, ou seja, ao retornarmos a ele, estaremos predestinados a resgatar débitos do passado. Passado este, que nos leva a pensar numa possibilidade de vidas passadas e futuras.

De Lucca, no livro *Sem Medo de ser Feliz*, define a morte na visão espírita da seguinte forma:

Para os espíritas, ao menos em tese, a morte ganha o significado de que morrer não é o fim. A morte significa apenas uma mudança de plano de vida. A nossa essência é espiritual. Somos espíritos eternos, temporariamente mergulhados na carne para o desenvolvimento das nossas potencialidades. Com a morte, abandonamos o corpo físico,

Na linguagem da natureza, a morte significa aniquilação. E que a morte é algo sério, deixa-se já inferir do fato de que a vida, como cada um sabe, não é nenhuma brincadeira. Nada temos de melhor a merecer do que ambas (SCHOPENHAUER, 2000, p. 60).

Schopenhauer nos relata:

De fato, o temor da morte é independente de todo conhecimento, pois, o animal o possui, embora não conheça a morte. Tudo o que nasce já o traz consigo ao mundo. Esse temor da morte a priori é, entretanto, justamente apenas o reverso da vontade de vida que nós todos somos. (SCHOPENHAUER, 2000, p. 62)

Quanto a essa afirmação do autor podemos entender o porquê do animal que foge, treme e procura esconder-se do perigo.

O homem é também por natureza assim, tem a tendência de fugir dos males que o atormenta.

O ser humano tem um grande apego a sua vida, e o fato de saber que a morte o atingirá, o deixa angustiado. Por isso é evidente que a maior angústia do homem é a morte. O medo da morte é tão assustador que o autor nos afirma:

Se batesse nos túmulos para perguntar aos mortos se querem ressuscitar, eles sacudiriam a cabeça negando. Nesta mesma direção vai também a opinião de Sócrates na Apologia de Platão, e mesmo o jovial e amável Voltaire não pode senão dizer: 'ama-se a vida, mas o nada não deixa de ter o seu lado bom'. E ainda: 'não sei o que é a vida eterna, mas esta é uma brincadeira de mau gosto. (SCHOPENHAUER, 2000, p.63)

A morte virá, de uma forma ou de outra, ou seja, é inevitável, não adianta pensarmos que vamos evitá-la, e acreditar na vida eterna como afirma o autor, é algo espantoso.

A partir do momento em que o indivíduo conseguir encará-la com naturalidade o autor nos esclarece:

Quando o conhecimento vence, e por conseguinte o homem vai de corajoso e sereno de encontro à morte, então é honrado como grandioso e nobre, festejamos o triunfo do conhecimento sobre a vontade de vida cega, que, em verdade, é o núcleo de nosso próprio ser. (SCHOPENHAUER, 2000, p. 64)

3. A MORTE NA CONCEPÇÃO DE SCHOPENHAUER

No sistema de Schopenhauer (2000), a vontade é a raiz metafísica do mundo e da conduta humana; ao mesmo tempo, é a fonte de todos os sofrimentos. Sua filosofia é, assim, profundamente pessimista, pois a vontade é concebida em seu sistema como algo sem nenhuma meta ou finalidade, um querer irracional e inconsciente. Sendo um mal inerente à existência do homem, ela gera a dor, necessária e inevitavelmente, aquilo que se conhece como felicidade seria apenas a interrupção temporária de um processo de infelicidade e somente a lembrança de um sofrimento passado criaria a ilusão de um bem presente. Para Schopenhauer (2000), o prazer é momento fugaz de ausência de dor e não existe satisfação durável. Todo prazer é ponto de partida de novas aspirações, sempre obstadas e sempre em luta por sua realização: "Viver é sofrer".

A morte como afirma Sócrates, é propriamente o gênio inspirador, ou a musa da filosofia, ele a define como preparação para a morte. (SCHOPENHAUER, 2000, p. 59)

O ser humano tem a tendência de acreditar somente naquilo que lhe parece ser infinito, com isso a certeza da morte lhe é assustadora. Para esclarecer o conhecimento da morte usamos da razão e das concepções metafísicas. A religião ou a filosofia são capazes de fazer com que o indivíduo encare com mais naturalidade o fenômeno "morte".

De início está diante de nós o fato inegável de que, de acordo com a consciência natural, o homem teme mais a morte do que qualquer outra coisa, não só para a sua pessoa, mas também chora e se apavora com a perda dos seus próximos.

O indivíduo se vê desprovido de forças para encarar a perda de um parente e até mesmo de um amigo. E é aquele que se sente desprovido dessa aflição, é considerado duro de coração.

O autor nos conceitua a morte da seguinte forma:

Heidegger na interpretação impessoal da morte que, do ponto de vista ontológico, retira da morte sua capacidade de lançar o Dasein perante si mesmo, como ser-para-a-morte, e a profunda compreensão da diferença entre sua própria morte e a dos demais homens ou entes dados.

A morte leva a diferença ontológica ao seu lugar prévio e constitutivo do Dasein. O Dasein é diferença ontológica. No Dasein, a questão do ser faz a diferença. Ele é diferente, ou melhor, difere dos demais entes, porque a essência dele é ter de ser e ser-si-mesmo. No Dasein, o que está em jogo é seu ser.

A morte, ou a fuga do Dasein, organiza a vida cotidiana? A vida, em sua autocompreensão impessoal, não seria de fato uma fuga de seu modo constitutivo de ser-para-a-morte? Max Scheler em *Morte e Sobrevivência* nos relata que o ocidente viu surgir, em torno do Séc. XIII, um novo tipo de homem: "Aquele que pertence à grande imagem genérica do homem moderno europeu ocidental, considerado como tipo coletivo" (SCHELER, 1993, p. 39)

A modificação ocorrida, segundo Scheler, se deu na:

Relação do homem moderno com sua própria morte. Antes, a morte constituía um poder formador e diretor, era algo que dava à vida articulação e estrutura. Agora, a morte foi substituída pela idéia de progresso, e a morte individual, pela morte do outro, por este estar perdido no seu "seu eu social." São sempre os outros que morrem para ele, ele próprio por sua vez, morre como "um outro" para os outros (SCHELER, 1993, p. 44)

A conclusão de Scheler sobre o destino da morte no ocidente é:

A morte, de cuja repressão nasceu o novo ídolo do progresso, aparece, para aquele que se entrega à investigação do mundo vivo, como o fanatismo do progresso, como sendo ela própria (a morte) um progresso na 'adaptação da vida' ao mundo circundante (SCHELER, 1993, p. 50).

Creio que Heidegger podia concordar com tudo isto que Scheler diz, mas uma outra coisa deve ser acrescentada a esta constatação de Scheler: também agora a morte estrutura e articula a cotidianidade. Se antes a morte estrutura a vida na síntese da imortalidade e da vida eterna, agora, por outro lado, é a fuga da finitude e da morte que opera a estruturação. Não mais a vida em função do céu, mas a vida em função de si mesma, no refúgio do impessoal.

No domínio público, “pensar na morte” já é considerado um temor covarde, uma insegurança da pré-sença e uma fuga sinistra do mundo. O impessoal não permite a coragem de se assumir a angústia com a morte.

O pensar na morte provoca no ser humano uma enorme angústia, considera-se essa angústia, que no temor se torna ambígua, uma fraqueza que a segurança da pré-sença deve desconhecer. A angústia resulta da falta de base da existência humana. A existência é uma suspensão temporária entre o nascimento e a morte. O projeto de vida do homem tem origem no seu passado em suas experiências e continuam para o futuro, o qual o homem não pode controlar e onde esse projeto será sempre incompleto, limitado pela morte que não pode evitar.

Heidegger (2001) ressalta que uma das características fundamental do ser humano é estar no mundo, e afirma que estar-no-mundo representa estar no tempo. Então o homem é um ser-para-a-morte. A morte é a última possibilidade que o homem realiza.

A morte pertence à estrutura fundamental do homem, é um existencial constantemente presente. Com a morte, o homem conquista a totalidade da sua vida. Enquanto ela não chega, falta a ele alguma coisa que ainda pode ser e será.

Para Heidegger (2001) todos têm a consciência da morte e de que essa morte ocorre apenas uma vez, isso leva o homem a viver um sentimento de “espera da morte” e ela é o termo final para nossos planos. Estamos na dependência da morte para tudo já que ela é imprevisível e invencível. Para ele as pessoas fogem para uma existência sem autenticidade para fugir da angústia da morte. Mas somente sofrendo essa angústia o homem será autêntico e atingirá a sua plenitude existencial.

Heidegger afirma:

O pleno conceito ontológico existencial da morte pode agora se delimitar da seguinte maneira: enquanto fim da pré-sença, a morte é a possibilidade mais própria, irremissível, certa e, como tal, indeterminada e insuperável da pré-sença. Enquanto fim da pré-sença, a morte é e está em seu ser-para-o-fim”. (HEIDEGGER, 2001, p. 41).

Na verdade, Heidegger não está interessado num possível processo evolutivo que teria formado um inconsciente repulsivo à morte. Por outro lado,

vez, a questão do poder-ser desse ente como um todo. Na presença, enquanto ela é, sempre se acha algo pendente, que ela pode ser e será. A esse pendente pertence o próprio "fim". O "fim do ser- no-mundo é a morte". (HEIDEGGER, 2001, p. 12)

De acordo com o modo de ser da presença, a morte só é num ser-para-a-morte existenciário. Ou seja, o ser tem que encarar a morte como um problema de ordem moral e social que deve ser resolvido por meios naturais da própria existência humana, sem que o indivíduo recorra a influências metafísicas ou religiosas.

Heidegger faz o seguinte questionamento: "Teria a expressão "morte" um sentido biológico ou ontológico existencial"? (HEIDEGGER, 2001, p. 16)

A questão sobre a totalidade da pré-sença que, do ponto de vista existenciário, emerge como a questão da possibilidade dela poder-ser-toda e, do ponto de vista existencial, como a questão da constituição ontológica de "fim" e "totalidade", abriga a tarefa de uma análise positiva dos fenômenos da existência.

Alcançar a totalidade da pré-sença na morte é, ao mesmo tempo, perder o ser do pré. De acordo com Heidegger:

Ninguém pode assumir a morte do outro. Pode-se sim morrer por outrem na questão de sacrificar-se de tal modo por alguém. Todo indivíduo deve assumir sua morte. (HEIDEGGER, 2001, p. 20).

Analisando a vida humana, nota-se três características básicas que marcam a existência inautêntica:

- O fato da existência: o homem é lançado ao mundo, sem saber o porquê. Ao despertar para a consciência da vida, já está aí, sem ter pedido.
- O desenvolvimento da existência: o ser humano estabelece relações com o mundo. Para existir, o homem projeta sua vida e procura agir no campo de suas possibilidades. Assim, move uma busca permanente para realizar aquilo que ainda não é: ou seja, existir é construir um projeto.
- A destruição do eu: na busca de realizar seu projeto, o homem sofre a interferência de uma série de fatores adversos que o desviam de seu caminho existencial. É o confronto entre o eu com os outros. Um confronto no qual o homem é, geralmente, derrotado.

2. A MORTE NA VISÃO DE HEIDEGGER

O propósito declarado de Heidegger (2001) é trazer à luz o que significa ser para o homem, ou “como é o ser”. A sua filosofia está em levar cada homem a fazer essa pergunta com o máximo envolvimento. Na crise atual da humanidade, já seria bastante que o homem tivesse noção autêntica de ser, em uma alienação que o desenvolvimento tecnológico agrava cada vez mais.

A existência humana não é um simples fato: ela articula, no próprio ato da sua manifestação, a questão do ser. Existir, é habitar estaticamente na verdade do ser. Pensar é descobrir reflexivamente o caminho do ser: não significa, originariamente, compreender algo, mas compreender que se está situado.

Segundo Heidegger (2001), o verdadeiro mundo não é o da ação ou da contemplação, é o da presença. Esta engloba no seu conjunto como o existente humano. Não se pode definir o homem em relação a ele mesmo, ele não é sujeito isolado que, tomando-se com objeto de reflexão do mundo.

A intuição central de Heidegger (2001) é a de que o homem é uma consciência finita, e sua presença no mundo é inexplicável, injustificável e absurda. Resulta dessa idéia que a morte é um dos temas mais constantes de sua filosofia. O caráter de ser-mortal é tão profundo no homem, que o sinal de uma existência autenticamente humana será olhar sem ilusão alguma para o mergulho no nada que é a morte.

É notável que uma das maiores angústias do homem seja a morte. É comum presenciarmos em meio a nossa sociedade os seguintes questionamentos: O que é a morte? Como surgiu? Para onde vamos depois desta temível passagem?

Heidegger (2001) nos esclarece que a questão do ser é uma interpretação ontológica originária, no entanto, não exige somente uma explicação do sentido das palavras, mas também uma posição prévia dos fatos fenomenais.

Como se apresenta, portanto, a posição prévia da situação hermenêutica? E Heidegger nos relata da seguinte forma?

É urgente a tarefa de se colocar a pre-sença como um todo em sua posição prévia. Isso significa, porém: desenvolver, ao menos uma

1. INTRODUÇÃO

Esta Monografia analisa o conceito de morte na visão filosófica de: Martin Heidegger (1889-1976) cujo pensamento busca compreender, interrogar e criticar a nossa própria existência e de Arthur Schopenhauer (1788 – 1860), que introduziu o Budismo e a filosofia indiana na metafísica alemã.

O desenvolvimento seguirá da seguinte forma: Capítulo I: A morte na visão de Heidegger: O verdadeiro mundo é o da ação ou da contemplação, é o da presença. A intuição central de Heidegger é a de que o homem é uma consciência finita, e sua presença no mundo é inexplicável, injustificável e absurda. Resulta dessa idéia que a morte é um dos temas mais constantes de sua filosofia;

Capítulo II: A morte na concepção de Schopenhauer. A morte para o indivíduo é como o sono para a espécie. A morte ou a vida de um ser singular não importa em nada. A imortalidade para Schopenhauer pressupõe uma outra forma infinita de existência, diferente da que conhecemos;

Capítulo III: Considerações finais: Heidegger parte do pressuposto que o pro-jeto da pré-sença é um dirigir-se para a morte.

O ser humano vive aterrorizado com o fenômeno morte. Vivem indagando o porquê de nascermos, de lutar de construir. Schopenhauer vem nos confortar, esclarecendo que o universo já havia antes do meu existir e continuará existindo depois.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	07
2. A MORTE NA VISÃO DE HEIDEGGER.....	08
3. A MORTE NA CONCEPÇÃO DE SCHOPENHAUER.....	12
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	22
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	24

RESUMO

O homem, desde os primórdios dos tempos até a atualidade, esforça-se para tentar explicar o fenômeno morte. De um modo geral, a ciência tem ampliado seu universo de pesquisas perante o assunto.

Seria a morte o fim? Não é o fim. O fim está na desistência de continuar vivendo na mesma ambiência em que pairam o desconhecido, o medo, as dúvidas, as incertezas, a ausência de harmonia entre o ter e o ser.

Uma das maiores angústias do homem é a morte, pois, ele teme o desconhecido, por isso é muito comum presenciarmos em meio a nossa sociedade os seguintes questionamentos. O que é a morte? Como surgiu? Para onde vamos depois desta temível passagem?

Heidegger procura retratar a questão do ser para o homem, ou como é o ser. Sua filosofia está em levar cada homem a fazer essa pergunta com o máximo envolvimento.

Na concepção de Schopenhauer, o ser humano teme o desconhecido, com isso a certeza da morte lhe é assustadora.

Heidegger e Schopenhauer vêm esclarecer que a morte pertence à estrutura fundamental do homem, com a morte, o homem conquista a totalidade da sua vida. Enquanto ela não chega, falta a ele alguma coisa que ainda pode ser e será.

O fim de um ser é tão real quanto era o seu começo, e no mesmo sentido em que não éramos antes do nascimento, não seremos depois da morte.

Palavras-chave: Morte, ser e existência

E o coração já não bate mais.
Penar em acordar?
Creio que não será possível.
O que sei ou o que penso saber,
É que não seremos nós a decidir
A vontade dele é maior!
Somos loucos incompreendidos
A procura da salvação
E acabamos pedindo perdão,
Mas já é tarde de mais...
Preferimos acreditar que somos mortais
E que o mundo é nosso
E nos esquecemos do grande criador
Que nos deu o poder de achar ser o melhor
Nos deu o poder da vida
E quem sabe também tirou...
Nos deu um castigo
Do qual não entendemos o que seja...
Apenas esperamos e vivemos da maneira que achamos ser certa.
Aguardando o momento em que poderemos dizer:
Estou pronto
E aí...
Ah!!! Não tem como escapar
É ela que vem chegando
Para nos dizer que chegou a hora de ir embora...
É quando simplesmente dizemos adeus ao mundo...
BERROS, SUSPIROS, SOLUÇOS E LÁGRIMAS
E tudo se acaba...
Sem lógica...
Só por acabar...
Isso é o que chamamos de...
MORTE

Mensagem

A MORTE (Gisele Goetsch)

Sujos sentidos no escuro
Brisa leve
Rosto pálido
Um grito se escuta
Mas o mundo está só!
Na imensidão
O infinito parece te olhar
E o mar, que de longe se avista
Bate ondas com o vento.
De repente...
Uma luz estranha aparece
Tudo paralisa
E os olhos congelam
Nada faz sentido
Perante o juízo
Um tremor começa a aparecer
E os olhos lacrimejantes
Parecem esperar uma resposta.

Resposta esta que decidirá o que exatamente não foi descoberto:

Uns dizem ser o bem e o mal
Eu acredito que será o final
Mas o que podemos dizer sobre isto?
Os sonhos desapareceram
Palavras não são escutadas
Gestos não são vistos
O corpo vira apenas um detalhe

Agradecimentos

O ser humano sente-se orgulhoso em alcançar seus objetivos, e claro, comigo não poderia ser diferente. Sinto-me radiante em poder dizer: subi mais um degrau, com garra, esforço e determinação.

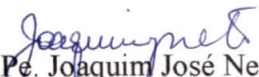
Mas como ninguém caminha sozinho, quero agradecer primeiramente a Deus, que diante de tantas preces foi o amigo das horas de angústia, desespero, medo, enfim, aquele que não abandona um amigo no meio do caminho; ao meu esposo, que com sua paciência inigualável me levantou nos momentos em que o stress e o desânimo se apossavam do meu corpo; as minhas filhas que me suportaram e souberam entender quando eu, nos meus momentos de fraqueza disse palavras que muitas vezes até as magoaram; as minhas irmãs que mesmo distante me transmitiam palavras de otimismo como: “não desanime, lute, você consegue, você é capaz”; aos meus colegas e amigas que lutaram e passaram pelas mesmas dificuldades; e enfim, aos meus “mestres” que mostraram competência, carinho e dedicação para dar sua parcela de contribuição para o meu crescimento acadêmico.

**FACULDADE DE CIÊNCIAS E EDUCAÇÃO DE RUBIATABA
CURSO DE FILOSOFIA**

APRESENTAÇÃO DE MONOGRAFIA

MARLY NARCISA DA FONSECA NOLASCO

apresentou sua monografia aos 08.06.06.


Pe. Joaquim José Neto
Coordenador

MARLY N. DA FONSECA NOLASCO



MORTE: HEIDEGGER E SCHOPENHAUER

Monografia apresentada à Faculdade de Ciências e Educação de Rubiataba, como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciatura Plena em Filosofia.

Orientação: Prof. Ms. José João Neves Vicente

30637
soerw

Tombo n°	1.2.2.6.7
Classif.:
Ex.:	1.
.....
.....
Origem:	d.....
Data:	04.9.06.....

Rubiataba - GO

2006

Faculdade de Ciências e Educação de Rubiataba

MARLY N. DA F. NOLASCO

MORTE: HEIDEGGER E SCHOPENHAUER

Rubiataba - GO

2006